

ILUSTRAR, COMPREENDER E REPRESENTAR: O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE NEGRA, POR MEIO DAS ILUSTRAÇÕES EM LIVROS DE LITERATURA INFANTIL.

Antonelly Pereira Vieira¹

Heloise Beatriz Lucio Sousa²

Milene de Souza Silva³

Fabiana Ramos⁴

RESUMO

O silenciamento da população negra é um fato recorrente, em mídias sociais, livros didáticos, espaços de poder e até mesmo na escola. A negritude resiste todos os dias para ser respeitada, representada e evidenciada pelos meios de comunicação, pela sociedade. Nesse cenário, voltando-se o olhar para o espaço educacional, faz-se necessária uma educação inclusiva e antirracista (Munanga, 2005; Carine, 2023), para que os educandos consigam compreender a diversidade de etnia, não exerçam ou sejam alvo do preconceito. Nesse sentido, a Lei 10.639/03 é uma conquista social e cultural, uma vez que a educação brasileira necessita seguir seus preceitos e combater todas as formas de discriminações que ocorrem dentro do espaço educacional. Diante disso, sabendo que as histórias infantis e a relação de escuta podem gerar para a criança um sentimento de identificação, a partir dos temas e dos personagens de livros (Souza e Berardino, 2011), o trabalho com a literatura infantil se torna de grande importância nas escolas. Nesse viés, a ilustração, dentro do livro infantil, detém um papel essencial e enriquecedor, pois é por meio dela que se possibilita uma maior construção de sentidos e significados da narrativa lida (Ramos, 2011; Massoni, 2018), sendo fundamental para a representação das personagens. Abordaremos, assim, neste artigo, a estética presente na construção das personagens negros ilustrados nos livros infantis. por meio da análise de três obras literárias: “Amoras” (2018), de Emicida, “O mundo no black power de Tayò” (2013), de Kiusam de Oliveira e “Meu crespo é de rainha” (2018), de Bell Hooks. Desse modo, acreditamos que a literatura afro-brasileira é um artefato cultural fundamental, pois pode contribuir para uma caracterização que enfatize a beleza de personagens negros, além de contribuir para a luta pelo respeito e igualdade de todos.

Palavras-chave: Educação antirracista, Literatura infantil, ilustração.

INTRODUÇÃO

A população negra durante muito tempo foi marcada pela ausência de representatividade na sociedade brasileira, por artefatos advindos da branquitude centralizada, que, segundo Schuman et al. (2023, p.52), é um termo “construído dentro da

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Bolsista do PET - Pedagogia/UFCG. E-mail: antonellypereira15@gmail.com

² Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande. Bolsista do PET - Pedagogia/UFCG. E-mail: heloiselucio92@gmail.com

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Bolsista do PET - Pedagogia/UFCG. E-mail: souzaxmis42@gmail.com

⁴ Professora Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande -UFCG. E-mail: fabiramos.ufcg@gmail.com



teoria crítica de raça com o objetivo de enunciar as estruturas sociais que produzem e reproduzem a supremacia e o privilégio branco, resultado da expansão territorial”. Dessa maneira, é evidente que o protagonismo nas representações existentes na população brasileira está atrelado ao branco como o padrão a ser seguido.

Ao voltar o olhar para a falta da figura negra nos espaços sociais, percebe-se a negação do protagonismo negro em ambientes nos quais predomina um padrão de pessoas brancas a ser seguido. O termo *pretitudes* surge para se contrapor a este artefato imagético, sendo conceituado como “a junção das palavras preta e atitude, uma provocação e um convite para as pessoas negras serem protagonistas ativas de suas histórias” (Nascimento et al, 2019, p. 928). Por meio disso, tem-se a compreensão que a sociedade vem lutando para que os espaços sejam ocupados pelos negros e que eles possam evidenciar sua cultura e história.

Neste princípio, ao relacionar esta discussão à educação, é inevitável pensarmos na Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira na educação básica. Por meio dela, estabelece-se que a cultura do povo negro seja evidenciada e sua ancestralidade resgatada, uma vez que os projetos pedagógicos com temáticas das relações raciais na escola possibilitam que os educadores abordem a relevância sócio-histórica de culturas étnicas na constituição da sociedade. (Sousa e Silva, 2023)

Segundo Carine (2023), a educação antirracista surge no momento em que o docente compreende a importância de efetivar um espaço igualitário, que desconstrua estereótipos negativos dos negros e evidencie a negritude, por meio da valorização da sua diversidade cultural. Desse modo, é necessário possibilitar para as crianças um espaço inclusivo, que promova um ambiente educativo.

Ao assumir o compromisso com a igualdade racial, faz-se necessário a promoção de práticas pedagógicas que assumam a posição de se contrapor com práticas que ressaltam apenas o protagonismo branco, envolvendo a representatividade negra em pequenos detalhes. Oliveira et al. (2024) demonstram que são diversas iniciativas que devem acontecer, sendo citadas: o resgate da herança identitária, brinquedos com personagens negros, materiais didáticos, representações em cartazes e livros literários que destaquem a estética negra.

Nessa direção, o presente estudo, de base qualitativa, apresenta e discute as obras *Amoras*” (Emicida, 2018), *“O mundo no black power de Tayó”* (Kiusam, 2013) e *“Meu crespo é de rainha”* (Bell Hooks, 2018), enfocando a estética negra representada nas ilustrações de tais obras. O trabalho está organizado em quatro seções: as duas primeiras relacionadas ao referencial teórico do trabalho, a terceira à análise dos livros foco do estudo, e a última, que guarda considerações finais.

METODOLOGIA

Para analisar os livros, realizamos uma pesquisa de base qualitativa, a qual, segundo Minayo (2009) caracteriza-se por trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, utilizando o método de análise de conteúdo de Bardin (2016), dividido em 3 etapas: a primeira de pré-análise, seguida da exploração do material e finalizando com o tratamento dos resultados.

1.O silenciamento da cultura Afro-brasileira: o protagonismo negro em obras de literatura infantil

Durante a história da literatura infantil aqui no Brasil podemos entender que Monteiro Lobato foi de fato um importante autor para que essa fosse compreendida como arte e que a ideia moralista fosse esvaziada, porém quanto ao protagonismo negro sua obra não teve impactos positivos, o que pode ser analisado foi a reafirmação de personagens descritos de forma caricata sem haver valorização de saberes e práticas culturais do povo negro.

De acordo com Trindade (2024), as obras infantis devem representar diversas infâncias, culturas diversas e saberes diversos, o que implica a representatividade e valorização da cultura Afro- brasileira e africana nessas obras. Quando uma pessoa possui memórias positivas da sua história e do seu povo, é comum que isso traga sentimentos de pertencimento como reforço a sua identidade (Andrade, 2005, apud Trindade, 2024), e esse sentimento pode ser cultivado desde a infância.

Durante muito tempo, e apesar da literatura infantil ter sido finalmente entendida como arte e contemplado cada vez mais o mundo infantil, as obras que representassem a cultura negra foram poucas, e quando contempladas apresentavam associações a papéis de inferiorização, que em nada representava a beleza da cultura Afro (Sousa e Silva.,2023). Em sua maioria os negros eram associados a características inferiorizadas e marginalizadas, tais como: violência, feitiçaria, malandragem, superstições, sensualidade ou feiura (Sousa et al.,2023). Obras com esse teor, além de não integrarem uma visão positiva a este povo, ainda reforçam estereótipos criados por uma sociedade racista.

A literatura Afro-brasileira pode ser conceituada e entendida como uma produção que com sua enunciação coletiva exprime buscas de toda uma coletividade negra (Sousa et al., 2023). Neste sentido, a ausência de obras e do trabalho com estas enfraquece ainda mais a representação desse povo, e a sua identidade cultural. De acordo com Hall (2005, apud Sousa

e Silva.,2023, p.3), a identidade é construída com o tempo, ou seja, ela não nasce pronta e acabada, desta forma, se faz necessária a abordagem do tema logo na primeira infância para que as crianças negras se sintam vistas e representadas, colaborando assim para a construção do pertencimento étnico-racial. Quanto a isso, Torres e Tettamanzy (2008, p.2) reforçam que “O hábito de ouvir histórias desde cedo ajuda na formação de identidades.”

Os livros que foram analisados neste estudo, “*Amoras*” (Emicida, 2018), “*O mundo no black power de Tayó*” (Kiusam, 2013) e “*Meu crespo é de rainha*” (Bell Hooks, 2018), são exemplos de obras literárias infantis de qualidade e que trazem a representatividade da cultura negra, contendo uma leitura que gera o encantamento e a fruição. Tais livros reforçam ideias positivas da cultura, essencialmente para as crianças que nesta fase ainda estão no processo de autoconhecimento. De acordo com Trindade (2024, p. 43),

A representatividade positiva de personagens na literatura infantil negra, junto ao conteúdo temático e as ilustrações, mobiliza construtivamente a formação de autovalorização e autoestima das crianças negras, e mostram impacto nas crianças não-negras, pois sensibiliza e desconstrói um imaginário imposto, historicamente, pela hegemonia da literatura branca europeizada, além de reforçar o reconhecimento das diferenças, na diversidade populacional brasileira.

Estabelecer uma educação de qualidade, laica, que valorize as diversas infâncias e as mais variadas culturas é um dever de todos os educadores, e o trabalho com obras que abarque um diálogo sobre tais temas não apenas enriquece os debates em sala de aula, mas também por geram o encantamento, o amor pela literatura, o conhecimento de outras culturas, autoestima e respeito pelas diversidades. Como ressaltado por Sousa et al, (2023, p.4), “A escola é um espaço privilegiado para a descoberta da criança, e não pode silenciar ou agir de maneira indiferente perante o ensino das relações étnico-raciais”. De acordo com Sánchez (apud Baptista et al, 2021), as obras de boa qualidade podem suscitar nas crianças perguntas e buscas de variadas respostas, participação na construção pessoal de significados e trocas ricas de interpretações em um ambiente de descobertas e emoções.

A beleza da literatura infantil pode e deve contribuir para a formação de indivíduos que respeitem as diversidades culturais presentes em nossa sociedade, valorize a estética e a cultura de matriz africana, trabalhe contra o racismo estrutural e fomente em crianças negras o amor pela seu povo, sua cor e sua história, principalmente em um país onde sua vozes foram silenciadas durante séculos, tal temática deve ser vivenciada durante todo o ano e não apenas em datas comemorativas e em eventos de cultura afro-brasileira, como ressalta Cruz (2016, apud Sousa e Silva., 2023, p.7). Corroborando essa ideia, Souza e Bernardino (2011,



p.241) defendem que “... o sistema educativo deve ajudar quem cresce em determinada cultura a se identificar, a partir das narrativas é possível construir uma identidade de encontrar-se dentro da própria cultura..”

2. Ilustrando vidas: a estética negra como elemento construtivo identitário

Seguindo os passos da sociedade defensora da concepção colonialista que permeou o funcionamento do nosso país durante muito tempo, a literatura infantil apagou durante centenas de anos o protagonismo negro na cena. Em meados dos anos 30 do século XX, iniciou-se a aparição de personagens pretos no enredo das obras, porém, limitados a características folclóricas, violentas e marginalizadas, de inferioridade e subalternização, feiura, chacota e falta de sabedoria, reforçando o preconceito racial, advindo do processo discriminatório de colonização, e resultando na visão de desigualdade de corpos, onde a cor da pele é o fator preponderante. A autora Nilma Lino Gomes reconhece esta afirmação, quando declara, acerca dos saberes estéticos/corpóreos que,

Apesar de o Brasil ser uma sociedade marcada pela corporeidade como uma potente forma de expressão cultural, nem todos os corpos e seus sujeitos são vistos e tratados no mesmo patamar de igualdade. Nesse processo, o corpo negro ainda vive situações que exigem a superação da visão exótica e erótica que sobre ele recai, oriunda da violência escravista, alimentada pelo sexismo, pelo machismo e disseminada pelo racismo (Gomes, 2011, p. 48).

Dessa maneira, a presença de personagens negros (as) empoderados (as) em obras literárias infantis, surgidos a partir dos anos 2000 através da politização da estética negra, por meio das lutas e da atuação dos movimentos da raça afrodescendente (Gomes, 2011), constituem um valioso papel na construção das identidades de meninos e meninas pretas que, por tanto tempo, se viram excluídos do meio artístico, sem referências de super-heróis, príncipes e princesas semelhantes a si.

Nesse sentido, Massoni (2018) e Ramos (2011) enfatizam a importância das ilustrações no processo de desenvolvimento não só escolar, mas humano, quando nos falam que elas assumem uma posição marcante na vida das crianças, tendo em vista seu poder de modificar suas leituras de mundo, as lembranças imagéticas que lhes passaram, guardadas na memória e de fomentar sentimentos e emoções que fazem parte da infância.

Assim sendo, a abordagem com obras que contemplem os traços dos povos afrodescendentes pode ser um divisor de águas no reconhecimento das crianças pretas, destruindo as barreiras preconceituosas que venham a atingir a ingenuidade e pureza infantil. Enaltecer os cabelos crespos e cacheados, o brilho reluzente da pele negra, os lábios carnudos

e o “nariz de batata”, como reconhece o Pequeno Príncipe Preto, é plantar no coração de todas as crianças a semente deixada por este personagem no encerramento de seu enredo. É semear o fruto da mudança, do amor, do respeito, da justiça e igualdade, da reparação, da transformação e do autorreconhecimento, pois, conforme Sousa e Silva (2023), o corpo e o cabelo são os principais elementos do processo de inferiorização e estereotipagem, e ao mesmo tempo esses dois elementos estéticos se tornam símbolos da identidade negra (p. 06).

Por conseguinte, o poder da literatura vai muito além, é como um lápis que escreve histórias, construindo conhecimentos e promovendo saberes, sendo a arma que destrói injustiças, mas, além de tudo, transforma realidades, uma vez que representar, verbo transitivo direto, significa reproduzir a imagem; retratar, refletir (Trindade, 2024). Como instrumento de reconhecimento, liberta meninos e meninas das amarras do preconceito, promovendo autoestima, personalidade e consciência (Sousa e Silva, *op. cit.*), resgatando suas origens, ao orgulhar-se de seu povo, reconhecendo sua resistência, assumindo suas raízes, enfim, assumindo o provérbio africano *Sankofico* que diz: “Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás” (Trindade, *op. cit.*).

Dessa forma, almejamos que, cada dia mais, a linguagem poética e subjetiva, em conjunto com a beleza negra, contemplada em cada traço de seus personagens, promova sonhos, semeie a imaginação, fortaleça sentimentos, faça nascer perseverança e colher amor. Que o coração de cada criança negra desse planeta transborde de emoção, ao reconhecer o tamanho de sua grandiosidade e o poder de sua representatividade, sentindo-se pertencente às sociedades, pois, como afirmam Oliveira *et. al* (2025), p. 85, pertencimento não é palavra só, pertencer é ter lugar, é estabelecer relações com um território, que não só é espaço físico, mas também espaço relacional, constitutivo de afetos e identidade.

Caracterização das personagens negras: analisando as obras (Resultados)

Para um livro infantil ser considerado de boa qualidade, é necessário que haja uma boa articulação entre o texto escrito e a imagem, de tal modo que ambos colaborem para a construção da compreensão da narrativa (Faria, 2004). Dessa forma, entende-se que as ilustrações são um elemento importante para a construção de sentidos no livro em conjunto com o texto escrito.

Reforçando o que Sousa e Silva (2023) trazem, o corpo e o cabelo são as principais características estéticas a serem utilizadas como forma de inferiorização ou como elemento

sim uma demonstração da diversidade e luta que esta população carrega todos os dias, sendo preciso olhar para trás e se fortalecer naqueles que resistiram.

Nesta conjuntura, por milhares de anos, e até a atualidade, a cor da pele negra foi, e ainda é, um instrumento de discriminação, inferiorização e ofensa. Consequentemente, acabou se tornando também uma categoria de sofrimento para muitos negros que, ao presenciarem ou sofrerem racismo cotidianamente, acabaram por criar uma aversão a sua própria cor, por medo daquilo que racistas poderiam proferir ou cometer. Essas situações, por perdurarem a tempos e se repetir diversas vezes, fizeram com que, ao longo da história, muitos negros negassem sua cor de pele.

Porém, superando essas perspectivas discriminatórias e buscando reforçar a beleza que reside em cada traço dos corpos negros, nas obras literárias aqui analisadas, os autores e ilustradores visam, com clareza e segurança, promover o reconhecimento positivo da pele negra, abarcando os vários tons que constituem os corpos, as pessoas, a negritude, como mostram as imagens anteriores. Além disso, durante todas as narrativas se fazem presentes a potência e a exaltação da cor preta, buscando promover o empoderamento da criança negra, como expresso nas imagens a seguir, em que o pai faz uma comparação da cor de pele de sua filha com a cor da fruta amora, a qual apresenta uma casca preta e reluzente e possui um sabor adocicado, qualidades que fazem a garota se encher de orgulho e se reconhecer como “pretinha”, conforme a própria se autodenomina.

Figura 7: A representação da criança como amora



Fonte: Emicida, 2018.

Além disso, outros traços característicos da estética do rosto africano e afro-brasileiro também são exaltados nas obras, como o nariz largo e a boca carnuda, que carregam além de beleza, valiosas e importantes heranças culturais, identitárias e ancestrais dos diversos povos africanos, reforçando aquilo defendido por Gomes (2003), ao afirmar que os indivíduos se constituem a partir de distintas situações, agrupamentos sociais ou instituições, e, ao se

reconhecerem como parte de um destes, têm o despertar do sentimento de pertencimento a um grupo social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de considerações finais, considerando análise dos livros aqui apresentada, reiteramos a importância do trabalho de ilustração nos livros infantis na caracterização das personagens negras para a construção identitária positiva da criança. Nesse sentido, o realce de traços e características do corpo negro nos livros infantis, assim como o destaque de elementos culturais que remetem à ancestralidade, se constituem como um elemento de representatividade e empoderamento do negro.

Dessa forma, a escolha de um repertório de obras infantis que estejam alinhadas com essa estética pelo professor pode se tornar um canal potente de construção identitária positiva, ao mesmo tempo que em que forma o leitor, capaz de desconstruir preconceitos e contribuir com uma educação antirracista, tais obras permitem a construção de um encontro representativo e identitário de crianças negras fortalecendo seu senso de pertencimento étnico, cultural e ancestral (Trindade, 2024), além de sensibilizar crianças não negras, pois ajuda a desconstruir estereótipos que foram historicamente reforçados por uma sociedade eurocêntrica.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Mônica Correia; PETROVITCH, Camila; AMARAL, Mariana Parreira Lara do. **Livros de literatura para a primeira infância: a questão da qualidade.** Revista Electrónica Leer, Escribir y Descubrir - Vol 1. Jun. 2021.

BARROSO, Aline Matos de Miranda. **Trajetória de uma professora e os desafios para a implementação de uma educação infantil antirracista.** In: LOMBA, Maria Lúcia de Resende (org). Relatos e vivências de profissionais na Educação infantil: reflexões sobre a docência. Curitiba: Appris, 2023., p. 107-115.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo



oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: Planalto - Lei nº 11.645/2008. Acesso em: 12 jul. 2025.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

EMICIDA. **Amoras**. ilustrações: Aldo Fabrini - 1º de. - São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto para pequenos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade entra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e cabelo crespo**. São Paulo: Educação e Pesquisa, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun., 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra**. Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar, n. 2, p. 37-60, jul./dez. 2011.

HOOKE, bell, 1952-**Meu Crespo é de Rainha**; ilustração Chris Raschka; - I. ed. - São Paulo: Boitatá, 2018.

MASSONI, Luis Fernando Hebert. **Ilustrações em livros infantis: alguns apontamentos** (Illustrations in Children's Books: Some Notes). DAPesquisa, Florianópolis, v. 7, n. 9, p. 121-129, out. 2018. Disponível em: **DAPesquisa** (Revista da Universidade do Estado de Santa Catarina) .

MINAYO, M. C. de S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: DESLANDES, Suely Ferreira (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.p. 09-29.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2ª edição revisada. - [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Andréa dos Santos; SOUZA, Gabriela Faria de; SILVA, Maiara da; OLIVEIRA, Mário Silva de. **“Pretitude” e o Afro Perspectivismo em Psicoterapia: Desafios para a Abordagem Gestáltica. Estudos e Pesquisas em Psicologia.** Rio de Janeiro, v.19, n.4, p.927-946, 2019.

OLIVEIRA, Andreia Fernandes; SOUSA, Heloíse Beatriz Lucio; NASCIMENTO, Emanuely Cristina de Souza. O Pequeno Príncipe Preto e sua preciosa Baobá: sementes potentes para práticas educativas antirracista. In: LIRA et al. (Orgs.). **Nos mundos dos Pequenos Príncipes: entre leituras e releituras.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no Black Power de Tayó.** 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2013.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual /** Graça Ramos - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SCHUCMAN, Lia V; CONCEIÇÃO, Willian C. Branquitude. In :Rios, Flavia; Santos, Márcio A.; Ratts, Alex (orgs.). **Dicionário das Relações Étnico-raciais contemporâneas.** São Paulo: Perspectiva, 2023.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e ensino fundamental.** Educere et Educare, revista de educação. Vol 6 N 12 - Jul/dez. 2011, p.235 - 249.

SOUZA, Marília Rosália Cordeiro Antas de; SILVA, Roseane Amorim da Silva. **Personagens negros (as) na literatura infantil afro-brasileira:** reflexões sobre a construção da identidade de crianças negras. Cad. Aplicação | Porto Alegre | v:36, n.1 | jan./jun.2023.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. **Contação de histórias:** resgate da memória e estímulo à imaginação. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. PPG-LET-UFRGS - Porto Alegre - Vol. 04 N.01 - jan/jun 2008.

TRINDADE, Maria Claudia Bezerra. **Literatura Infantil e Educação Antirracista:** possibilidades de construção de ações para o protagonismo infantil negro. / Maria Claudia Bezerra Trindade - 2024.